

# Brasil volta às renegociações

Ivaldo Cavalcante

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, informou ontem que o governo retomará, na próxima semana, as negociações sobre o refinanciamento da dívida brasileira junto aos bancos internacionais. Funaro negou também a intenção do governo em adotar a centralização cambial. Segundo ele, não há necessidade de adoção desta medida, tendo em vista que o país possui reservas cambiais suficientes para aguardar a recuperação da balança comercial. As reservas brasileiras, de acordo com o ministro, atingem atualmente os mesmos níveis de dezembro do ano passado, ou seja, cerca de US\$ 4 bilhões.

Funaro fez uma advertência aos credores brasileiros, quando afirmou que o «Brasil deseja honrar sua dívida dentro de um processo que permita refinanciamentos e não exija do país mais do que ele pode pagar». Observou que há alguns anos atrás o superávit da balança comercial atingia US\$ 12 bilhões, sendo que hoje, apesar deste número ser menor, o superávit brasileiro ainda «é o terceiro do mundo».

Para reforçar a posição brasileira, o ministro destacou que o país ficou dois anos fora do Sistema Financeiro Internacional, sendo que desde 1982 ele tem exportado. «Esta posição não permite que o Brasil cresça, ao contrário da posição de financiar parte das necessidades brasileiras».

Ressaltou também que o Brasil tentará reduzir suas remessas anuais a título de serviço da dívida externa e não partirá para medidas unilaterais como a decretação de uma moratória. Negou ainda a necessidade de um «empréstimo ponte» que viria cobrir a redução dos superávits comerciais e das reservas cambiais.

O ministro lembrou também que o país transferiu, nos últimos 5 anos, US\$ 55 bilhões e recebeu neste período apenas US\$ 19 bilhões. «Esta posição demonstra que o Brasil honrou seu compromisso. A balança comercial brasileira para 1987 não chegará a US\$ 12 bilhões, mas atingirá um volume de superávit razoável, sendo que o restante terá que ser refinanciado».

## Reunião

Provavelmente, o reinício dos contatos com os bancos credores será conduzido pelo presidente do Banco Central, Francisco Góes, que ontem permaneceu reunido durante todo o dia com o ministro da Fazenda, Dílson Funaro. Foram cinco horas de reunião que começou pela manhã e prosseguiu até o



Funaro negou os boatos sobre a centralização cambial

almoço no Ministério da Fazenda. Participaram também da reunião os diretores da área e da dívida externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas e Antônio de Pádua Seixas. O encontro contou ainda com as presenças do vice-presidente da área externa do Banco do Brasil, Adoraldo Moura da Silva e de assessores de Funaro.

Após a reunião, o ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central dirigiram-se ao Palácio da Alvorada, onde o presidente José Sarney e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira os aguardavam para o almoço.

Ao retornar para o Ministério da Fazenda, Funaro explicou que as reuniões serviram apenas para avaliar a situação da dívida externa e também para a elaboração de uma estratégia de renegociação. Informou que já havia jantado, na terça-feira, em sua residência com o embaixador Marcílio Marques e ouviu deste um relato sobre os seus contatos com os banqueiros credores do Brasil nos Estados Unidos.

Quando questionado sobre o provável fechamento do Banco do Brasil ontem no vermelho, Funaro rebateu a informação com a frase «isso é um absurdo. Não há nada neste sentido. O Banco do Brasil tem reservas como a Petrobras, a Vale do Rio Doce e outras empresas. Estes

boatos sempre prejudicam». Centralização

Apesar de Funaro ter negado a centralização cambial, assessores do ministro que tiveram acesso indireto às reuniões de ontem confirmaram que o assunto foi abordado. Estes auxiliares observaram que a estratégia da renegociação foi o tema central, mas que a crise cambial tomou grande parte das discussões, especialmente de manhã, quando o vice-presidente de operações externas do Banco do Brasil participou do encontro.

Os auxiliares do ministro lembraram que em 1982, quando o Brasil adotou a centralização bancária, as agências do Banco do Brasil no exterior foram utilizadas como agências de remessas de divisas. A presença de Moura da Silva pode ser interpretado com um indício forte de que o governo pode adotar a mesma sistemática agora.

A expectativa em torno da decretação da centralização cambial prosseguiu depois do contato de Funaro com os repórteres. Ele e Góes continuaram reunidos com o assessor especial de Funaro para assuntos externos, Paulo Nogueira Batista Júnior e o secretário especial de assuntos econômicos, Luis Gonzaga Belluzzo. No final da tarde, Antônio da Pádua Seixas reintegrou-se ao grupo que ainda permanecia reunido no início da noite.